



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 3

Juventudes e Agroecologia



Neo-rurais em transição agroecológica: a experiência do Coletivo Ariramba (Espírito Santo do Pinhal - SP)

Rafael Caselli Furtado; Liege Camila Pistore Veras; Gerson Felipe Costa Filho; Ísis Martins Vuolo; José Eduardo de Oliveira; Juliana Caruzo; Lucas Guedes Vieira; Pedro Manholer.

Tema Gerador: Juventudes e Agroecologia

Apresentação

Essa experiência está sendo vivida por mim, Rafael Caselli Furtado, e um grupo de amigos (Gerson Felipe da Costa Filho, Ísis Martins Vuolo, José Eduardo Oliveira, Juliana Caruzo, Liege Camila Pistore Veras, Lucas Guedes Vieira e Pedro Manholer), que juntos concluímos a faculdade, saímos da cidade e fomos morar no meio rural formando o coletivo Ariramba, em Espírito Santo do Pinhal - SP.

Contextualização da experiência

A experiência se passa em três espaços, sendo dois sítios (0,6 e 3,2 ha) e uma casa na cidade, ambos no município de Espírito Santo do Pinhal, São Paulo. Os sítios são vizinhos e se localizam no pé da serra da Mantiqueira, à 770 m de altitude, onde o clima e solo são conhecidos por favorecer a produção de café de alta qualidade, sendo esta chamada de região Mogiana.

Ísis e José já residiam num sítio da família dela há um ano e meio. Quando souberam que o sítio vizinho estava para arrendar, convidaram os amigos para conhecerem o local. Juntos, todos já cultivavam o sonho de viver da terra e quatro de nós decidimos arrendar o sítio juntos, em março de 2016. Juliana e Lucas, após percorrerem longos trechos de estrada atrás de outro lugar para arrendar e não obterem sucesso, resolveram alugar um casinha na cidade em setembro do mesmo ano. Entretanto, todos só conseguiram se mudar de fato para o município em novembro de 2016.

Seis de nós são formados em Ecologia pela UNESP de Rio Claro-SP, exceto Juliana (Engenheira ambiental, também pela UNESP de Rio Claro-SP) e Liege (Agroecóloga pela UFSCar de Araras-SP). Com faixa etária entre 25 e 32, a maioria já havia vivenciado alguma atividade relacionada à Agroecologia através da extensão da Universidade, seja por projetos com foco em educação ambiental, ou diretamente com sistemas de produção de base agroecológica.

Vários fatores motivaram a escolha de saída do meio urbano para viver no meio rural, entre os principais motivos estão: a busca por um modo de vida aliado a natureza e aos agroecossistemas vivos; a independência e liberdade de trabalho – evitando relações



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 3

Juventudes e Agroecologia



verticais entre patrão e trabalhador –, por outro lado a priorização de uma construção coletiva e co-responsável sobre sua própria gestão; a possibilidade de trabalhar de modo cooperativo para garantir a própria segurança alimentar; e a busca de um caminho para dignificar a vida rural e desconstruir a visão retrógrada de uma vida árdua, penosa e não recompensadora que foi construída sobre a agricultura familiar brasileira e poder multiplicar essa experiência.

O Coletivo Ariramba surgiu da vontade de poder partilhar um pouco desses nossos sonhos com a população da cidade e do entorno, através da comercialização de alimentos orgânicos de maneira direta ao consumidor e consumidora final, além de podermos compartilhar nossos conhecimentos e vivências de maneira educativa e empoderadora.

Dentre as principais conquistas alcançadas que consideramos importantes é possível citar: a certificação orgânica em SPG (Sistema Participativo de Garantia) das duas áreas produtivas; comercialização de alimentos orgânicos na feira livre da cidade; beneficiamento de geleias; implantação de SAF (Sistemas Agroflorestais) nas áreas produtivas; e criação de galinhas caipiras.

Desde o final do ano passado também temos avançado principalmente dentro das ações de estruturação e formação do coletivo. Nesse momento, estamos construindo a organização interna do Coletivo Ariramba. Contamos com a ajuda de um parceiro nosso para conseguirmos desenhar e organizar nossa gestão interna de maneira colaborativa, co-responsável e horizontal, de modo que todos e todas se sintam responsáveis pela gestão e funcionamento do grupo.

Dificuldades

Nesses últimos meses, temos encarado vários entraves que dificultam nosso avanço em cumprir nossos projetos, como:

- Formigas cortadeiras (saúvas e quem-quéns): estão presentes em ambas as áreas produtivas em quantidades que até inviabilizaram a produção de hortaliças em um dos sítios, até o presente momento. Já tentamos repelí-las de forma sistemática com diversas técnicas permitidas pela certificação orgânica (controle biológico, perturbação de olheiros e carreiros, fermentado de esterco, isca com pão e vinagre, iscas aceitas pela certificação, água quente com pimenta e, está em fase de testes a homeopatia de Belladona), mas nenhuma delas tem se mostrado eficiente. Dessa maneira, a produção de alimentos tem sido extremamente limitada;



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 3

Juventudes e Agroecologia



- Baixo índice pluviométrico na região: o déficit de chuvas em nossa região foi uma característica do verão de 2017, o que dificultou o desenvolvimento das espécies implantadas durante o verão. Em uma das áreas, a irrigação ainda é muito precária, sendo reduzida a uma pequena horta; além do mais, a outra área já mais estabelecida acabou sofrendo com contratemplos elétricos, impossibilitando a irrigação por três meses. Boa parte das espécies do SAF, como abóbora, milho, mandioca, banana, eucalipto, batata-doce e mamão tiveram um desenvolvimento mais lento por conta desse fator limitante;
- Histórico de uso intensivo das áreas: Ambas as terras onde estamos produzindo possuem um histórico de degradação do solo com cultivo de monoculturas, uso intensivo de agrotóxicos, maquinários pesados e adubação química. Além do quê, todas propriedades do entorno também trabalham nessa lógica, sendo áreas de cana de açúcar, Citrus, milho, Eucalyptus, pastagem e café. Uma das áreas produtivas, onde foram feitos os primeiros plantios, apresentou uma resposta lenta ao primeiro ano de manejo, devido a combinação desta baixa fertilidade, escassez de chuvas e consecutivos ataques de cortadeiras com baixa produtividade de alimentos. A outra propriedade, já manejada com SAF há mais de um ano, já responde com a produção esperada de hortaliças.
- Comercialização: Os desafios de comercialização e viabilidade econômica são uma constante, já que estamos trabalhando para consolidar mercados. O espaço conquistado na feira livre da cidade é o único meio de comercialização direta até o momento. Entretanto, os preços estabelecidos nesse espaço são muito baixos, o que desfavorece a valorização de alimentos orgânicos. Dessa maneira, a busca por nossos produtos fica restringida a um número reduzido de consumidores e consumidoras que já são sensibilizados e buscam uma alimentação mais saudável;
- A inconstância de nossa força de trabalho: por conta da atual inviabilidade econômica, precisamos realizar trabalhos fora do espaço do coletivo para gerar nosso sustento e investimentos, o que acaba por não permitir uma constante permanência e dedicação às nossas áreas produtivas. Nossos tempos de trabalho não condizem com o tempo de funcionamento do agroecossistema e por causa disso os serviços começam a se acumular, tornando os manejos mais dificultosos;
- Inexperiência prática em lidar com organizações horizontais autogestionadas: vivenciamos dificuldade em criar uma organização sócio-econômica que contemple os princípios que acreditamos serem mais justos, como horizontalidade, autogestão e cooperação. A dificuldade se deu em tentarmos fazer com que todos e todas se sentissem contemplados na maneira com que as decisões serão tomadas e também se sintam responsáveis pela gestão do coletivo através de divisões justas de trabalho e renda.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 3

Juventudes e Agroecologia



Principais Resultados alcançados

Viver dificuldades técnicas, ambientais, sociais e econômicas simultaneamente nos apresentou uma nova perspectiva diante da transição agroecológica na qual todos e todas nos vemos vivenciando esse processo de alguma maneira.

Para além da mudança de manejo dos agroecossistemas, entendemos a transição agroecológica como uma mudança de relações entre a sociedade e o ambiente, regida pelos princípios da agroecologia que contemplam as esferas sociais, econômicas, políticas e ambientais. Dessa forma, pontuamos como os itens importantes para nosso processo de transição agroecológica: a geração de renda como consequência do excedente da produção; autonomia e soberania alimentar; segurança de agricultoras e agricultores através do fortalecimento de redes locais de produção e comercialização direta a consumidores e consumidoras finais; criação de novas formas contextualizadas de organizações sociais baseadas na cooperação; e criação de espaços permanentes de inclusão das pessoas no meio rural de maneira digna.

Conclusões

Estamos vivendo um processo de transição agroecológica que transita do meio urbano para o meio rural. Para conseguirmos tirar nosso sustento de fato da terra, e não mais dos trabalhos fora do Coletivo Ariramba, precisamos realizar a transição agroecológica nas esferas sócio-econômicas e técnica-produtiva e ambiental.

Vivenciando esses processos, percebemos que conseguimos lidar melhor com a parte técnica-produtiva e tivemos muito mais dificuldade na criação de uma nova forma de organização sócio-econômica baseada na lógica cooperação. Acreditamos que sem essa lógica não conseguiríamos harmonizar os nossos ritmos de trabalho aos ritmos dos agroecossistemas, e essa harmonização de ritmos é entendida como primordial para diminuir os gastos energéticos de manejo e alcançarmos eficiência produtiva.

O compartilhamento de experiências empíricas abrem portas para a visualização de novas realidades e cria oportunidades de enxergarmos a transição agroecológica de neo-rurais, para além da visão da transição apenas dos agroecossistemas.

Dentre os relatos de experiências que já acessamos, foi possível colher diversas fontes de inspiração. Marsha Hanzi nos deixou uma sábia semente de carinho e esperança para com os agroecossistemas vivos. Segue um trecho de seu livro *Sítio Abundância: Co-criando com a Natureza*:

“Raízes na Terra



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 3

Juventudes e Agroecologia



Nestes tempos de de instabilidade econômica, climática, social e política, um pedaço de terra representa um abrigo na tempestade. Nele podemos plantar nosso alimento, ter água limpa, respirar. E será nosso refúgio em momentos de colapso.

Mas adotar e amar um pedaço da Mãe Terra é muito mais do que simplesmente criar sistemas para manter vivo o nosso corpo físico: é o resgate profundo da relação do homem com a Natureza, da substituição do tempo de relógio – nossa escravidão – por ritmos. Tempo de caju, tempo de manga. O levantar e pôr-do-sol. A lua minguando e crescendo... E percebemos que, de fato, precisamos de muito pouco para sentir a felicidade; que a integração com a beleza natural é uma fonte de satisfação mais profunda e serena do que grandes conquistas no mundo urbano.

Neste pedaço da Mãe trocamos o medo pelo amor incondicional; criamos o nosso (mini) paraíso na Terra. E todos se beneficiam com isto: o planeta, as crianças, os vizinhos, os passarinhos, as florestas, o rio... Num momento mágico na viagem nós nos tornamos guardiões desta terra, cujos frutos passam a ser recebidos como dádivas e não como produtos comerciais (...)"